



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

LITERATURA INFANTIL E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE FEMININA: a Polegarzinha e a mulher de antigamente

Raimunda Nonata dos Santos Ferreira – *raymunda.ferreiraa@gmail.com* (1);

Rafael de Lima Machado – *rafaelzinhodelima.m@hotmail.com* (1);

Jascira da Silva Lima – *prof.jascira@gmail.com* (2);

Universidade Federal do Maranhão – Campus VII

Resumo: A educação infantil surge através da ideia de que, a criança poderia ser educada por meio de narrativas. Entre os séculos VI e VIII, surgiram autores que se empenharam em escrever histórias, não direcionadas ao público infantil, textos de caráter narrativos, que são conhecidos popularmente como contos de fadas. Entre esses autores, podemos citar os irmãos Grimm, Andersen, Perrault, entre outros, que são conhecidos mundialmente. A literatura entre esses tempos tem um caráter extremamente educacional e moralizante, em especial quando se refere ao ser feminino, assim podemos dizer a construção e a ideia de mulher na sociedade desses séculos, em que essas literaturas passam a ser conhecidas popularmente. Para melhor exemplificar como a literatura pode influenciar, e influenciava a ideia da mulher, decidimos fazer uma análise comentada sobre trechos da narrativa A Polegarzinha de Andersen e a identidade da mulher do século VI, descritas no seu tempo. Alguns autores em que nos baseamos são Abramovich (2006), Bettelheim (2002), Xavier (2013), e Scharf (2000), para assim demonstrar que a literatura atuava como o meio de formar identidades de gênero na sociedade.

Palavras-Chaves: Literatura Infantil, Identidade feminina, A Polegarzinha.

INTRODUÇÃO

A identidade é fruto de uma construção social e histórica, interiorizada e vivida pela maioria da população, construção essa que tem adquirido diferentes matizes ao longo da história, de acordo com modelos de organização social vigentes de um tempo, e de características consideradas necessárias para proporcionar funcionalidades dentro desse determinando tempo, fazendo com que o sistema se torne eficaz (CHARTIER, 1990).

Nesse sentido, procuramos por meio deste trabalho, identificar a ideia que se tinha da mulher por meio da literatura infantil, pois

entendemos que, a literatura tinha em suas primeiras abordagens produzir uma educação, ou seja, entendiam-se que as crianças poderiam ser educadas de acordo com características descritas em histórias.

A literatura é colocada na escola como forma de conduzir a criança por meio do seu imaginário, ideias de e um a educação moral e ética (SCHARF, 2000, XAVIER, 2003, FERREIRA, et al, 2018).

Desse modo, é por meio de recortes de trechos da história da *Polegarzinha* de Hans Christian Andersen (1805-1875), escritor dinamarquês, autor dos contos infantis, “Soldadinho de Chumbo”, “Patinho Feio”, “A



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Pequena Sereia”, “A Roupas Nova do Rei”, entre outros (ABRAMOVICH, 2006). É claro que para a realização desse trabalho, fizemos o uso de metodologias e leituras que abordassem a temática, assim como é importante entender quais motivos nos levam a crer que isso seja possível de se realizar, como poderemos ver mais a seguir.

REFERENCIAIS

“A historiografia é aqui, uma vez mais, projeção do presente e instrumento de tentativa de construção da história” (CARVALHO, 1998, Apud FERRO, 2010, p. 25). Nesse sentido, podemos entender que, uma história produzida em um determinado tempo histórico, pode muito bem carregar estigmas e características de uma sociedade e de seus indivíduos. A literatura infantil será nosso instrumento e meio de intercalar conexões entre o presente e o passado.

A literatura criada para o público infantil é um importante espaço para a interação e para o desenvolvimento das características do ser em formação. Segundo Góes (1991), nas literaturas dos livros de literatura infantil encontramos indicações que se contrapõem quanto à origem da literatura infantil, ainda de acordo com a autora, alguns autores afirmam que a “literatura infantil seria um gênero

incompreensível sem a presença da criança, que seria seu único público destinatário (GÓES, 1991, p. 47), ou seja, desde a sociedade antiga até a Idade Média, a imagem que se tinha da criança era de um adulto em miniatura, não existia uma percepção realista e sentimental sobre a infância, elas simplesmente não eram queridas, muito menos odiadas, sim tratadas e educadas da mesma forma como os adultos (SCHARF, 2000; FREIBERGER, 2010).

Pois o mundo da criança era o mesmo do adulto, elas trabalhavam e viviam com os adultos e testemunhavam nascimentos, doenças, mortes, participavam da vida pública, de festas, de guerras e de outros *acontecimentos*¹, comuns à vida adulta, não havia uma preocupação com as capacidades e vontades própria da infância como os dias atuais (SCHARF, 2000; FREIBERGER, 2010), desse modo, entendemos que, a literatura infantil aqui não existia, pois já que a infância também não existia.

A literatura e seus os elementos e entidades desse universo são criados a fim de atender as necessidades cognitivas das crianças e tocam mais de perto suas imaginações e criação do mundo. Nessa perspectiva, a interação com a Literatura torna-se o espaço de constituição e desenvolvimento da consciência do ser humano desde que nasce até chegar à

¹ Quando nos referirmos a outros *acontecimentos*, é interessante lembrarmos que, no período de industrialização, as crianças trabalhavam nas fábricas,

por ter mãos pequenas, elas passam a ser bastantes uteis, assim também como na exploração do carvão e para o trabalho com na fabricação de tecidos de algodão.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

idade adulta e esse caminho é “feito” por meio do brincar, da reprodução e da recriação da criança e para a criança (VYGOTSKI, apud XAVIER, 2003). É interessante, entender que nessas épocas, como não se tinha uma ideia fixa do que é de fato a infância ou de criança, a literatura aqui era posta de forma oral como diversão e educação de crianças.

Segundo Chartier (1990, p. 17, apud FERRO, 2010), de acordo com suas pesquisas em relação a história cultural francesa, assim ele esclarece que, “[...] a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é constituída, pensada, dada a ler”. A investigação histórica tem pensado a leitura das sociedades de modos variados, pois tem-se usado caminhos e meios diversos e às vezes aspectos particulares que podem ser, “[...] um acontecimento importante ou obscuro, a trajetória de uma vida, ou história de um grupo” (CHARTIER, 1990, p. 76, apud FERRO, 2010), junto a isso, podemos colocar a literatura infantil.

As primeiras literaturas continhas estórias que mais pareciam contos de terror, que contos de fadas, com toda transformação que se teve ao longo do tempo esses escritos foram adquirindo uma abordagem mais didática, mais voltada para o ensinamento, e a disciplina moral da criança.

Se for feita uma comparação entre as narrativas que possuímos hoje e as

originais, vamos perceber que os contos de fadas em sua origem pareciam mais contos de terror, e eram dos consideados autores Perrault, Andersen e os irmãos Grimm, entre outros, que escreviam as estória que fazem parte do repertório popular.

É interessante notar que, as estórias que falam de acontecimentos e fatos, que acontecem no cotidiano de pessoas, as estórias do povo serviam para moralizar suas crianças, que foram escritas de forma capaz de encantar até os dias de hoje, é claro que ao longo do tempo essas passaram por transformações tanto na escrita como no texto de origem. Desse modo, podem servir como forma de exemplo de construir uma ideia de sociedade, pois seus autores a coletaram essas estórias, e a completaram com sua subjetividade.

Perrault, é um acadêmico francês, no entanto ele é autor de varias obras para o público adulto, os escritos do autor é uma recolha de histórias do povo, mantendo sua crueldade, poética ou moral. Segundo Abramovich (2006), ele se tornou famoso pelo seu único volume infantil, Contos da Mãe Gansa (1697), no entanto ele publicado no nome de seu filho Perrault d’Armancour.

Os irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, foram estudiosos, pesquisadores, que buscaram em 1800 por toda a Alemanha, também por meio das estórias do povo, material oral que foi transcrevido, de inicio não



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

predendiam escrever para as crianças, somente no segundo volume (v. 1, 1812 – v. 2, 1815), é que houve uma preocupação com o estilo, usando seu material fantástico de forma sensível e conversando a ingenuidade popular, a fantasia e o poético ao escrevê-lo (ABRAMOVICH, 2006).

Andersen, é do povo, seus contos surgem de sua própria infância vivida, é considerado como *poeta da infância*, seus escritos são ricos e com histórias fantásticas, ele tanto escreve da sua própria infância com também de outras a qual ele pode presenciar, suas histórias são capazes de adentrar no mais profundo dos sentimentos, pela mais bela forma como elas são escritas, pois podem tornar quais quer palpáveis (ABRAMOVICH, 2006).

Esses autores atuaram de forma significativa, pois ao pesquisarem entre o povo, esses escritos tornam-se importante objeto de estudo para compreender como determinadas ideias eram compreendidas pela uma sociedade em determinado tempo.

METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, primeiramente foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre autores que abordem a temática, posteriormente foram selecionados alguns trechos da história de a Polegarzinha de Hans Cristian Andersen, para a análise de conteúdo.

Mediante os trechos, procuramos evidenciar a construção da identidade da mulher, assim como a descrição, costumes, características de toda uma sociedade. Como veremos a seguir mais adiante.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Polegarzinha, é um texto de origem dinamarquesa do autor Hans Christian Andersen, os trechos aqui selecionados, foram retirados de uma obra em PDF, em que reuniram alguns textos do autor. Como não há uma data precisa de autoria do texto original, vamos considerar as seguintes datas: 1805 a 1875, pois tratar-se do ano de nascimento autor e o ano de sua morte.

Os contos literários, surgiram primeiramente de forma oral, ou seja, antes de adquirirem uma forma concreta e material, eram repassadas de geração em geração entre as famílias. O referido autor do conto, se apropriou a escrita para transcrever as histórias, então devemos ter em mente, que tal conto pode ser anterior ao seu nascimento, e claro que por ser um conto, oral pode ter sofrido modificações, assim também como ter sofrido outras após sua escrita e publicação, uma das modificações que podem ser citadas seria as diferentes formas como o título é colocado em



alguns textos, neste por exemplo o diminutivo de *polegada* é acrescido apenas o sufixo *zinha*. No entanto, nos reteremos somente ao texto aqui referenciado.



A Polegadazinha
Tommelise (1835)

Figura 1. Ilustração presente na abertura do Conto de A Polegarzinha.

As características e descrição da mulher

– É uma linda flor! – disse a mulher e beijou-a nas bonitas pétalas vermelhas e amarelas, mas no momento em que a beijava a flor deu um grande estalo e abriu-se. Era uma verdadeira tülipa, via-se bem! Mas no meio da flor, numa cadeira verde, estava sentada uma pequenina menina, muito fina e graciosa! Não era maior do que uma polegada e por isso recebeu o nome de Polegarzinha (p. 199).

Notemos aqui nesse primeiro trecho a narrativa das características da menina, é de forma que deva ter atendido aos desejos da referida senhora, em querer ter uma criança. A mulher deveria e deve continuar sendo *fina* e *graciosa*. Em um outro trecho e dada outras características a forma feminina em que como a mulher deve ser, no trecho a seguir notemos outras características para a mulher.

Nesse momento, um grande besouro veio a voar e, assim que a viu, num instante, prendeu-a com as garras à volta da cintura delgada e voou com ela para uma árvore (p. 202).

Quando a mulher deixa de atender as essas características ela simplesmente não é aceita, pois ela deixa de ser perfeita, passando a ser rejeitada pelos padrões que apresenta.

Olharam para a Polegarzinha, as meninas-besouros estenderam os tentáculos e uma delas disse:

– Ela não tem, pois, mais do que duas pernas, tem um aspecto miserável!

– Não tem nenhuns tentáculos! – acrescentou outra.

– É tão magra na cintura, puh! Parece mesmo um ser humano! Como é feia! – referiram todas as fêmeas-besouros. Contudo, a Polegarzinha era tão bonita! (p. 202).

Há um desejo fortemente de estar em padrões de beleza da época, a mulher passava se sentir de forma indesejável, da mesma forma que o homem passava a não querer a mulher por apresentar defeitos, pois ela deveria ser perfeita. Como vemos a seguir.

Também lhe parecia isso, ao besouro que a tinha apresado, mas como todos os outros diziam que era feia, acabou também por acreditar nisso e não a quis mais. Podia ir para onde quisesse (p. 202).

Aí chorou, porque era tão feia que nem os besouros a queriam. E, contudo, era a



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mais bonita que se podia imaginar, tão delicada e branca como a mais bela pétala de rosa! (p. 203).

É interessante que a mulher deve seguir os padrões, pois sendo do contrário ela era praticamente excluída, e provavelmente não casaria, qual é o tópico que iremos tratar mais adiante.

Uma outra característica dada a mulher é uma fragilidade diante de acontecimentos os quais ela não pode fugir, e a única coisa que mulher ainda deve realizar seria chorar.

A pobre pequenina acordou cedo de manhã. Quando viu onde estava, começou a chorar amargamente, pois a grande folha verde encontrava-se rodeada de água por todos os lados, não podia de nenhum modo vir para terra (p. 201).

O casamento

Até um tempo atrás, se uma mulher lhe aparecesse atraente para um homem, ele a podia tomar com sua, e assim também, se uma família sentisse interesse poderia programar um casamento, é notória nas falas que a mulher de forma alguma poderia contestar, como pode-se ver a seguir.



Figura 2. O Sapo ao encontrar a menina dormindo.

Uma noite em que estava na sua linda cama, entrou um sapo feio aos pulos através do vidro quebrado da janela. O sapo era tão horrível, grande e húmido! Saltou logo para baixo para a mesa, onde a Polegarzinha estava a dormir sob a pétala de rosa vermelha.

– Era uma bonita esposa para o meu filho! – disse o sapo, pelo que agarrou na casca de noz onde dormia a Polegarzinha e saltou para o jardim com ela através do vidro partido da janela (p. 200).

Esse trecho deixa bem claro, o que já foi dito acima, não a necessidade consultar os interesses da mulher quanto ao casamento, a mulher é simplesmente colocada em segundo plano, quanto suas opiniões, ou seja, esse trecho é seguido pela descoberta entre a mãe e a menina, então tem-se que, os casamentos já são desde cedo arranjando pelos pais ou por pessoas interessadas tanto na menina como também em interesses particulares, como podemos ver a seguir.

O velho fez uma profunda reverência na água diante dela e disse:

– Aqui tens o meu filho, que será teu marido e ireis



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

viver lindamente lá em baixo, na lama!
– Coax, coax! Breque-que-quex! – foi tudo o que o filho soube dizer (p. 201).



Figura 3. A Toupeira ao visitar a casa do Rato, para realizar a proposta do casamento com a menina.

– Em breve vamos ter visitas! – disse o rato do campo. – O meu vizinho costuma visitar-me todas as semanas. Ele está ainda melhor do que eu. Tem grandes salas e anda com uma tão linda pele de veludo preta! Pudesses tu tê-lo como marido, que estarias bem governada. Mas é cego. Tens de contar-lhe as histórias mais bonitas que sabes! (p. 204).
– Tens de ter tanto de lã como de linho! Tens de ter onde sentar-te e deitar-te, quando fores esposa da toupeira! (p. 207).

No primeiro trecho, a menina de forma alguma tem qualquer falar, somente os *Sapos* falam. No segundo, a menina é induzida a aceitar um *Toupeira* como marido, pois ele possui condições melhores que as condições do *Rato*. No terceiro trecho, a menina é induzida a pensar em quais mordomias teria se casasse com a toupeira, se comparada as propostas feita pelo *Sapo*, estaria em condições melhores.

Quando a mulher toma decisões

Durante toda a história a protagonista toma poucas decisões, uma de suas primeiras seria laçar uma borboleta para fugir do casamento com o *Sapo*.



Figura 4. Ilustração feita de um dos trechos da estória.



Figura 5. Ilustração do mesmo capítulo.

[...] O Sol brilhava na água, Era como se fosse do mais belo ouro. Então pegou na sua faixa, atou uma ponta à borboleta e a outra ponta prendeu-a à folha. Assim, deslizavam muito mais depressa, ela e a folha.

Se notamos, as duas ilustrações feitas para esse mesmo trecho, iremos perceber que os autores são diferentes, ou seja, fica confirmado o que tínhamos anunciando acima, que não havia uma separação da vida adulta da vivência infantil, os autores apresentam diferentes visões sobre a estória.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

Era como vagar num pequeno bosque. Tremia de frio. Oh! Chegou assim à porta do rato do campo. Havia um pequeno buraco sob o restolho. Aqui morava o rato do campo bem aconchegado, tinha o aposento cheio de trigo, uma linda cozinha e sala de jantar.

[...]

Como gostou da Polegarzinha, disse-lhe:

– Podes ficar, de bom grado, em minha casa, durante o inverno, mas tens de manter o meu aposento bem limpinho e contar-me histórias, pois gosto muito de histórias! A Polegarzinha fez o que o bom rato do campo exigia e ali sentiu-se verdadeiramente bem (p. 204).

Nesse trecho, a menina enfrentou as consequências de ter fugido do casamento com um *Sapo* e dos interesses de um *Besouro*, como encontrou um *Rato* velho, foi lhe pedir abrigo, em troca devia manter a fazeres domésticos e cuidar do dono da casa, pois essas eram as únicas tarefas que as mulheres deveriam manter nas sociedades antigas, que desproviavam dos direitos da mulher, em hipótese alguma a mulher deveria estar por fora, ou vista fora da casa desacompanhada, como é possível perceber no trecho a seguir.

A Polegarzinha estava tão aflita! Nem podia permitir-se vir para fora, para o Sol quente. O trigo que fora semeado no terreno ali por cima da casa do rato do campo crescia também, era um bosque espesso para a pobrezinha, que só tinha uma polegada de comprido.

– Agora no Verão terás de preparar o teu enxoval! – disse-lhe o rato do campo, pois o enfadonho vizinho, a toupeira na pele de veludo preto, tinha-lhe feito uma proposta de casamento.

O trecho a seguir, é um claro exemplo que a mulher era forçada a aceitar o que a ela era posto.

Quando chegou o Outono, a Polegarzinha tinha o enxoval todo pronto.

– Em quatro semanas terás as bodas! – disse-lhe o rato do campo. Mas a Polegarzinha chorou e disse que não queria a enfadonha toupeira.

– Snique, snaque! – retorquiu o rato do campo!

– Não te faças recalcitrante, senão mordo-te com o meu dente branco! É muito bonito o macho que vais ter! A sua pele de veludo preto não tem a rainha uma igual! Tem muito, tanto na cozinha como na despensa. Agradece a Deus por ele! (p. 208).

Como a menina se recusou a casar-se com a *Toupeira*, o velho *Rato* sentiu-se no dever de repreender a menina, pois ele havia encontrado um bom pretendente para ela, ou seja, ela foi muito mau a gradecida ao *Rato*, pois ela estava sozinha e como se encontrava em situações inferiores, deveria agradecer pelo que lhe foi arranjado.

Assim tiveram de fazer as bodas. A toupeira chegara para levar a Polegarzinha. Iria morar com ela, no fundo, por baixo da terra, jamais vindo para o Sol quente, porque com isso não sofria o rato cego. A pobre criança estava tão



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

aflita, teria agora de dizer adeus ao belo Sol, que, contudo, em casa do rato do campo fora autorizada a ver, à porta (p. 208).

As promessa de seu casamento não lhe era favorecedora, pois ela se tornaria mais pressa do que quando morava com o *Rato*, a *Toupeira cega* a levaria para morar em buracos subterrâneos, pois ela não suportava a luz do Sol, e a menina como esposa estaria submetida a viver nas mesmas condições da *Toupeira*, sempre debaixo da terra, em condições inferiores.

Novamente a menina teria que fugir de um casamento desses, um casamento que não lhe daria uma liberdade, com a qual ela sonhava, por ter salvo uma andorinha do frio ela lhe faz um pedido.

[...] Voa comigo, doce Polegarzinha, que me salvaste a vida quando jazias regelada na cave escura debaixo da terra!

– Sim, quero ir contigo! – respondeu a Polegarzinha, e sentou-se nas costas do pássaro, com os pés nas asas abertas, amarrou bem o cinto numa das penas mais fortes e a andorinha voou para o alto, sobre os bosques e sobre o mar, alto por cima das grandes montanhas, onde há sempre neve. A Polegarzinha regelou no ar frio, mas arrastou-se para dentro, sob as penas quentes e pôs a cabecinha de fora para ver toda aquela beleza por baixo dela (p. 209).

De todas as decisões essa seria qual não se arrependeria de tê-la tomado, pois havia

encontrado alguém que não a quisesse prendê-la ou toma-la como propriedade.

[...] Aí, mesmo em cima de tudo, havia muitos ninhos de andorinhas e num desses morava a andorinha que transportava a Polegarzinha.

– Aqui está a minha casa! – disse a andorinha. – Mas, se quiseres, tu própria podes escolher uma das flores mais bonitas que crescem lá em baixo. Levar-te-ei lá e terás tudo tão bonito quanto desejares!

– Seria maravilhoso! – disse ela, batendo palmas com as mãozinhas (p. 210).

Voou para longe de todos, sentiu-se livre de tudo pois estava nas alturas e indo para algum lugar em que poderia viver de forma diferente, pois teria aprendido a toma-se como própria de si.



Figura 6. A liberdade de poder escolher e se sentir pertencente a um grupo.

[...] Em cada flor morava assim um homenzinho ou mulherzinha, mas aquele era o rei de todos.

– Meu Deus, como é bonito! – segredou a Polegarzinha à andorinha. O príncipezinho ficou tão assustado diante da andorinha, pois esta era uma ave gigante perante ele, que era tão pequeno e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

fino. Quando viu a Polegarzinha ficou muito contente. Era a menina mais bonita que até então tinha visto. Por isso tirou a coroa de ouro da cabeça e colocou-a na cabeça dela, perguntou como se chamava e se queria ser sua mulher, seria rainha de todas as flores!

Sim, era um homem verdadeiro, bem diferente do filho do *sapo* e da *toupeira* com a pele de veludo preto. Disse, portanto, que sim ao bonito príncipe e de cada flor veio uma dama ou um cavalheiro, tão belos, que dava gosto vê- -los! Cada um trazia para a Polegarzinha um presente, mas o melhor de todos foi um par de lindas asas de uma grande mosca branca. Foram fixadas às costas da Polegarzinha para poder também voar de flor para flor.

Neste treco, percebe-se que os padrões ainda devem ser seguidos, ou seja, as flores representam uma classe mais fina e educada, ou até mesmo uma evolução tempo, o voou representaria o avanço e a mudança de costumes, mais os padrões permanecem, pois a mulher para ser bem vista precisa casasse, com pessoas de sua mesma classe, assim por mais que seus outros pretendentes tivesse o que fosse, alguns padrões devem ser seguidos.

Era tal a alegria que a andorinha sentou-se em cima, no seu ninho, e cantou para eles, tão bem quanto podia, mas o coração estava, contudo, triste, pois gostava muito da Polegarzinha e não queria separar-se dela.

No trecho a seguir, um outro ponto a ser destacado seria sobre o nome que a menina recebe, já que pertence a uma outra classe, que seria *Maia*.

– Não debes ter o nome Polegarzinha! – disse-lhe o anjo da flor. – É um nome feio e tu és bonita. Vamos chamar-te Maia!

Segundo o dicionário Houaiss (2009), a palavra *Maia* faz referencia a uma festa popular portuguesa, que acontece nos primeiros dia de maio, em homenagem a primavera, significa também “grande”, ou “água”, ou ainda “mãe”, vindo da mitologia grego/romana, *Maia* é a deusa da *Primavera*, da *fertilidade*, da *Terra* e do *Renascimento*, que deu origem ao nome do mês de maio. Segundo a tradição, era ela quem dava vida às plantas e fazia as flores desabrocharem após o inverno. Ou seja, a mulher ainda representar o nascimento de uma nova tendência de pensamento, ou de sociedade, a mulher é vista como aquilo que dá início a vida.

– Adeus! Adeus! – despediu-se a andorinha, e partiu. Deixou os países quentes, e voou lá para longe, de regresso à Dinamarca. Ali tinha um ninhozinho sobre a janela onde mora o homem que sabe contar contos. Para ele, a andorinha cantou o «quevivi», de que temos toda a história (p. 211).

A literatura oral, a literatura das estórias, cumpria o dever de educação as crianças, pois, as crianças assim como hoje, sentiam-se



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

encantadas por essas histórias, um dos motivos seria a forma como a criança toma para o que a história passa.

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento, superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral - a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente (BETTELHEIM, 2002, p. 8).

CONCLUSÕES

A Polegarzinha é um conto do qual se pode tirar várias interpretações, no entanto a que aqui escolhemos, serviu a nossos propósitos, de entender como se contempla a ideia da mulher, ou o papel que ela deveria exercer em uma sociedade, por meio de recortes de um conto infantil, que foi contato de geração em geração. A personagem dá história carrega consigo um estigma de inferioridade, pois apresentar um nome de *Polegarzinha*, ou seja, pequena, ao longo do texto lhe atribuída outras características, tais como quando é colocada em situação de incapaz tornando-se frágil, assim era vista a mulher, incapaz de realizar qualquer coisa.

No entanto, devemos ver que a personagem, ao longo da narrativa vence todos os seus desafios, mais no final ainda faz parte de uma sociedade em que, precisa seguir determinados padrões, dos quais ela por ser mulher não pode ir contra. Desse modo a mulher é a única que não pode escolher o que deseja fazer, mas que deve se submeter a outros desejos, pois em uma sociedade que julgar por características elas simplesmente tem que seguir.

No entanto nossa personagem, foge de alguns padrões, corpo perfeito, casamentos arranjados, vive sozinha, mais não consegue fugir de tradições que é o se relacionar com pessoas da mesma classe, ou seja, o padrão classe mais vale que todos os outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2006.

ANDERSEN, Hans Christian. A Polegarzinha. In: _____. **Os Contos de Hans Christian Andersen**. Portugal, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16 ed. PAZ E TERRA. 2002.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. Ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SCHARF, RosetenairFeijá. **A Escola E A Leitura: Prática Pedagógica da Leitura e**



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

Produção Textual. Dissertação apresentada ao
Curso de Mestrado em Educação da
Universidade do Sul de Santa Catarina –
UNISUL. Tubarão, 2000. 205 f.

XAVIER, Jessica Andressa de Souza. **A
criança e a literatura no âmbito da
educação infantil** / Jessica Andressa de
Souza Xavier. – Campinas, SP: [s.n.], 2013.